Capítulo XIV — União do homem com o novo Adão; seus meios (continuação)

Os Sacramentos são o segundo meio de obter a graça. Para atender às necessidades do homem composto de corpo e alma; para mantê-lo na humildade, condição permanente de sua reabilitação; para prover a todas as necessidades de nossa vida sobrenatural, Deus, em sua profunda sabedoria, estabeleceu os Sacramentos.

Sinais sensíveis, cativam o homem exterior, tornando-lhe palpáveis, nos elementos que lhes servem de matéria, os efeitos maravilhosos que operam sobre o homem interior; sinais sagrados, revelam, na ordem sobrenatural, o império soberano daquele que reina como senhor absoluto na ordem natural; sinais permanentes e variados, fazem, para a manutenção e a perpetuidade da vida da alma, o que as criaturas e as leis físicas realizam incessantemente para a manutenção e a perpetuidade da vida do corpo. Nessa misteriosa harmonia brilham com fulgor as relações íntimas estabelecidas entre a natureza e a graça por aquele que é o autor de uma e de outra.

Com efeito, sete coisas são necessárias ao homem para viver a vida natural, para conservá-la e para empregá-la utilmente: é preciso que nasça; que cresça; que se alimente; que se cure; que repare suas forças; que haja magistrados investidos da autoridade necessária para assegurar a ordem e promover o bem público; é preciso, enfim, que se perpetue. Todas essas coisas são igualmente necessárias à vida espiritual e dão razão da natureza e do número dos sete sacramentos.

O Batismo nos faz nascer para o novo Adão.

A Confirmação nos faz crescer.

A Eucaristia nos alimenta.

A Penitência nos cura.

A Extrema-Unção renova todas as forças da alma para o último combate.

A Ordem dá magistrados à sociedade cristã.

O Matrimônio a perpetua, perpetuando os fiéis.

A essa primeira harmonia junta-se outra não menos encantadora. Como todos os astros gravitam para o sol, assim todos os sacramentos gravitam para o mais augusto de todos, a Eucaristia.

> *A Eucaristia, diz São Tomás, é o fim de todos os sacramentos; pois todos se referem a ela, todos têm nela a sua perfeição*[1].

O Batismo nos torna capazes da Comunhão; a Confirmação nos torna mais dignos dela ou nos ajuda a conservá-la; a Penitência nos põe em estado de restabelecê-la se o pecado a rompeu; a Extrema-Unção a mantém contra os ataques mais violentos do demônio no artigo da morte e a consolida para a eternidade; enfim, o Matrimônio e a Ordem a perpetuam, perpetuando a Igreja.

Visto que, de um lado, a Eucaristia é o fim de todos os sacramentos, o mistério por excelência da fé, do amor, da unidade ou, como diz São Tomás, a consumação da vida espiritual; visto que, de outro lado, a Eucaristia é Nosso Senhor Jesus Cristo perpetuamente encarnado no meio do mundo, daí saem duas grandes consequências, eminentemente próprias para colocar o augusto sacramento na posição de honra que lhe convém.

A primeira é que, sob o Evangelho como sob a lei, Jesus Cristo é sempre o alfa e o ômega da religião; que tudo se refere a ele e à nossa união com ele; que, desde o instante da queda original, só houve salvação para o homem na sua união com Jesus Cristo, sob os três aspectos possíveis, pela fé, pela esperança, pela caridade, e consequentemente pela comunhão; que o judeu podia e devia crer em Jesus Cristo vindouro, que podia e devia esperar nele, que podia e devia amá-lo, que podia e devia comungar com ele participando das vítimas que o representavam[2].

Como todo o culto antigo, essa comunhão figurativa não era senão a sombra de uma comunhão real, reservada à lei de graça. Daí esta bela palavra de Santo Ambrósio:

> *O judeu só tinha sombras sem realidade, o cristão possui a verdade oculta sob véus, o santo goza da verdade sem véus*[3].

A segunda é que a Eucaristia é, no mundo espiritual, o que o sol é no mundo físico. Assim como tudo gravita para esse belo astro, cuja luz e calor espalham a vida e a fecundidade, assim tudo gravita para a augusta Eucaristia. É por ela que a criação inteira, que emana incessantemente do seio do Criador, a ele remonta incessantemente. Abri os olhos e vereis o cumprimento dessa lei misteriosa.

Todas as criaturas tendem a aperfeiçoar-se, isto é, a passar de uma vida menos perfeita a uma vida mais perfeita; mas para isso é preciso que percam sua vida própria. Assim, os corpos inorgânicos, o ar e a água, por exemplo, ao tornarem-se alimento dos corpos orgânicos, perdem sua vida própria para tomar a do ser que os assimila; o vegetal, por sua vez, é absorvido pelo animal, que lhe comunica sua vida; o vegetal, o animal, todos os reinos são absorvidos pelo

homem, que, assimilando-os, lhes comunica sua vida. Deus, enfim, atrai o homem a si, assimila-o e lhe comunica sua vida divina e imortal. Então o homem pode e deve dizer: Já não sou eu que vivo; é Deus que vive em mim. Quem não adoraria aqui, mudo de amor e de admiração, o comovente mistério em que se cumpre essa última transformação que reconduz o universo à unidade!

Notemos aqui como tudo se encadeia no plano divino. Sem eucaristia, nenhuma comunhão sem confissão, e nenhuma confissão sem comunhão. Mas tirai esses dois sacramentos e dizei o que se torna o mundo. Nenhuma garantia séria, nem para a família nem para a sociedade. As nações, dizeis, já não se confessam. Respondemos: Ai! Já não vos confessais! Pois bem: em vez de um poder regular, paternal, moral, tereis o despotismo ou a anarquia. Já não vos confessais! Pois bem: em muitas circunstâncias não tereis mais segurança para vossa honra, nem para a honra de vossa mulher e de vossos filhos, nem para vossa reputação pessoal, nem para vossa propriedade. Já não vos confessais! Pois bem: o roubo será um jogo e a fraude uma indústria; os pesos, as medidas, as qualidades dos objetos serão adulterados; o pão que comerdes será falsificado, e em lugar de vinho bebereis veneno. A cada dia e em cada relação social estareis à mercê do mau que se julgar bastante hábil ou bastante forte para escapar à vindita das leis. Se o interrogardes com atenção, a história contemporânea vos poderá dizer que grau de confiança merecem as sociedades e os indivíduos que não se confessam.

Ao falar dos sacramentos, não se pode omitir a explicação das admiráveis cerimônias e das orações comoventes que lhes acompanham a administração. Não sabemos se é possível achar algo de mais venerável, de mais instrutivo, de mais eminentemente filosófico e, o dizemos, de mais geralmente ignorado que a liturgia. Quantos ritos e usos, cuja significação reporta o pensamento até os primeiros dias da Igreja e o eleva à contemplação dos mais divinos mistérios, são para nós letra morta, uma espécie de hieróglifo ininteligível, de que o fiel ignorante não sabe dar conta e de que o ímpio ainda mais ignorante não receia zombar!

Além da vantagem de esclarecer a piedade do cristão, a explicação de nossas augustas cerimônias tem ainda a de constatar a tradição perpétua da Igreja sobre cada sacramento, tradição de fato, mais impressionante, parece-nos, e mais fácil de apreender que a tradição do testemunho oral.

Notas

[1] Eucharistia est quasi consummatio spiritualis vitæ et omnium sacramentorum finis. Per sanctificationes enim omnium sacramentorum fit præparatio ad suscipiendam vel consecrandam Eucharistiam. — P. 3, q. 73, art. 3. — Sacramentum Eucharistiæ est potissimum inter alia sacramenta.., nam in sacramento Eucharistiæ continetur ipse Christus substantialiter. In aliis autem sacramentis continetur quædam virtus instrumentalis participata a Christo.... Semper autem quod est per essentiam potius est quam quod est per participationem. Insuper omnia alia sacramenta ordinari videntur ad hoc sacramentum sicut ad finem. Manifestum est enim quod sacramentum ordinatur ad Eucharistiæ consecrationem : sacramentum vero baptismi ordinatur ad Eucharistiæ receptionem, in quo etiam perficitur aliquis per confirmationem, ut non vereatur se subtrahere a tali sacramento : per poenitentiam etiam et extremam unctionem præparatur homo ad digne sumendum corpus Christi : matrimonium etiam saltem sua significatione attingit hoc sacramentum, in quantum significat conjunctionem Christi et Ecclesiæ, cujus unitas per

sacramentum Ecclesiæ signatur. Tandem hoc apparet ex ritu sacramentorum ; nam fere omnia sacramenta in Eucharistia consummantur, ut Dionys. dicit, c. 3 Cælest. hierarch.: est sacramentum sacramentorum, quia sacramentis omnibus consummatam perfectionem confert. — S. Th., loco sup. cit.

[2] Encontra-se em todos os povos a comunhão com a grande ideia de expiação ligada à imolação e à manducação das vítimas: «Não há dúvida entre nós, diz Pélisson, de que todas as falsas religiões vieram da verdadeira, e os sacrifícios do paganismo, dos sacrifícios ordenados aos primeiros homens, de que Abel e Caim nos dão o exemplo; sacrifícios que não eram senão a figura e a sombra de um grande sacrifício, em que Deus se devia imolar a si mesmo por nós. Por toda a terra comia-se a carne das vítimas; em todas as nações, o sacrifício que terminava assim era considerado um festim solene do homem com Deus, donde vem que se encontre tão frequentemente nos antigos poetas pagãos o festim de Júpiter, as viandas de Netuno, para significar as vítimas de que se comia depois de imoladas a essas falsas divindades; e, se havia entre os judeus holocaustos, isto é, sacrifícios em que a vítima era inteiramente queimada em honra de Deus, acompanhavam-nos com a oferta de um bolo, para que, mesmo nesses sacrifícios, houvesse algo a comer para o homem.» — Traité de l'Eucharistie, p. 182. De onde pôde vir ao gênero humano essa estranha ideia de que o homem comungava com a divindade por intermédio das substâncias que lhe são imoladas? Que relação podia haver entre a imolação, a manducação de um animal e a santificação, a remissão dos pecados? O vil sangue das vítimas que caíam sob a faca sagrada possuía a virtude de purificar a consciência? Jamais essa loucura reinou no mundo. Mas o mundo inteiro tinha fé no que era representado por esses sacrifícios. Tudo o que sabia é que figuravam um mistério divino de justiça e de graça; e do fundo desse mistério, que o futuro devia desvendar, todos os séculos ouviram sair a voz da esperança. — Ver Éclaircissements sur les sacrifices, por M. de Maistre. Assim, uma comunhão com a graça, com Deus, ao mesmo tempo espiritual e corporal, invisível em sua essência e visivelmente manifestada, tal era o centro para o qual convergiam, no que tinham de comum, as liturgias de todos os povos, tal era o foco vital do culto universal. — Dogme générateur, etc., por Mons. Gerbet.

[3] Para permanecer aqui nos limites da fé católica, quanto à necessidade da comunhão em relação à salvação, convém lembrar a doutrina de São Tomás. Esse anjo da teologia exprime-se assim: CONCLUSIO : Quanquam non quoad realem perceptionem, sicut baptismus, Eucharistiæ sacramentum ad salutem necessarium sit, est tamen ex parte rei, quæ est unitas corporis mystici, necessarium ad salutem. In hoc sacramento duo est considerare : scilicet ipsum sacramentum et rem sacramenti. Dictum est autem quod res hujus sacramenti est unitas corporis mystici sine qua non potest esse salus : nulli enim patet aditus salutis extra Ecclesiam, sicut nec in diluvio absque arca Noe, quæ significat Ecclesiam. Dictum est autem quod res alicujus sacramenti haberi potest ante perceptionem sacramenti, ex ipso voto sacramenti percipiendi. Unde ante perceptionem hujus sacramenti potest homo habere salutem ex voto percipiendi hoc sacramentum, sicut et ante baptismum ex voto baptismi. Est tamen differentia quantum ad duo : primo quidem quia baptismus est principium spiritalis vitæ et janua sacramentorum ; Eucharistia vero est quasi consummatio spiritalis vitæ et omnium sacramentorum finis. Per sanctificationes enim omnium sacramentorum fit præparatio ad suscipiendam vel consecrandam Eucharistiam, et ideo perceptio baptismi est necessaria ad inchoandam spiritalem vitam ; perceptio autem Eucharistiæ est necessaria ad consummandam ; ipsam non ad hoc quod simpliciter habeatur, sed sufficit eam habere in voto sicut et finis habetur in desiderio et intentione. Alia differentia est quia per baptismum ordinatur

homo ad Eucharistiam, et ideo ex hoc ipso quod pueri baptizantur, ordinantur per Ecclesiam ad Eucharistiam. Et sicut ex fide Ecclesiæ credunt, sic ex intentione Ecclesiæ desiderant Eucharistiam et per consequens recipiunt rem ipsius ; sed ad baptismum non ordinantur per aliud præcedens sacramentum, et ideo ante susceptionem baptismi non habent pueri aliquo modo baptismum in voto, sed soli adulti. Unde rem sacramenti non possunt percipere sine perceptione sacramenti. Et ideo hoc sacramentum non hoc modo est de necessitate salutis sicut baptismus. — S. Th., 3 p. q. 73, art. 3.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:21 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:21 by Admin